

## O USO INSTRUMENTAL DA FILOSOFIA POLÍTICA DE PLATÃO: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA PÚBLICA<sup>1</sup>

Ivo Luciano da Assunção Rodrigues/UFG-Jataí/ivo.rodrigues@bag.ifmt.edu.br  
Aline Cristine Ferreira Braga do Carmo/UFG-Jataí /aline\_sociologa@hotmail.com

**Resumo** A experiência aqui relatada ocorreu no ano de 2013 com os alunos da turma de 3º ano do Ensino Médio Integrado do curso Técnico em Controle Ambiental no IFMT *Campus* Barra do Garças. O projeto “Cidades Sustentáveis – Mobilizando pessoas em torno de uma ideia” nasceu nas aulas de Filosofia, com os estudos da teoria política de Platão. Visando pensar política e sustentabilidade a partir da noção de *pólis* e dos elementos que envolvem o espaço urbano, a turma foi dividida em quatro grupos, cada grupo deveria imaginar/criar sua própria cidade utópica nos moldes da *Calípolis* platônica. Após a adaptação dos projetos para os dias atuais e, tendo como foco a sustentabilidade, organizou-se uma eleição visando a escolha do melhor. Venceu o grupo que conquistou o maior número de cidadãos (votos) para sua cidade. O texto, em formato de artigo, teve como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, seguida do relato da experiência supracitada. Buscamos fazer uma análise de natureza Histórico-Crítica discutindo o papel da interdisciplinaridade e a necessidade de inclusão da Educação Ambiental no currículo. Além de Platão, são referenciais teóricos deste trabalho: Vieira (2012), Freire (1993), Gadotti (2004), Saviani (1984) e Bloch (2005). Esta experiência, como defende Bloch (2005), revela a proficuidade do pensamento utópico de, perante o descontentamento com o presente, alimentar uma esperança aqui compreendida como promessa de felicidade manifesta via ações para o futuro. O recurso de utilizar as fabulações urbanas dispendo lado a lado alguns modelos idealizados de cidade mostrou-se, como supõe Vieira (2012), eficaz para traçar vetores de contraste e de consonância que possibilitaram lançar novos olhares sobre a urbanidade contemporânea e os alicerces educacionais que a sustentam.

**Palavras-chave:** Cidade. Educação. Sustentabilidade.

## THE INSTRUMENTAL USE OF PHILOSOPHY PLATO POLICY: AN EXPERIENCE IN A PUBLIC SCHOOL

**Abstract** The experience reported here occurred in 2013 with students from 3rd class year - Stroke Integrated Technical High School in Environmental Control IFMT *Campus* Barra do Herons. The project "Sustainable Cities - mobilizing people around an idea" came in Philosophy classes, with studies of Plato's political theory. Aiming think politics and sustainability from the notion of polis and the elements surrounding the urban space, the class was divided into four groups, each group should imagine / create your own utopian city along the lines of platonic Calípolis. After the adaptation of projects to the present day and, with a focus on sustainability, we organized an election in order to choose the best. Each group produced a video about five minutes presenting the school community its urban design, as well as pamphlets, groups on facebook and other promotional materials. He won the group that won the largest number of citizens (vote) for your city. The text in article format, had the methodological approach to literature, then the account the above experience. We seek to make an analysis of Historical-Critical nature discussing the role of interdisciplinarity and the need to include environmental education in the curriculum. In addition to Plato, are theoretical framework of this work Vieira (2012), Freire (1993), Gadotti (2004), Saviani (1984) and Bloch (2005). This experience, as Bloch argues (2005), reveals the usefulness of utopian thought, before the dissatisfaction with the

<sup>1</sup>Texto apresentado no 2º ENCONTRO DE LICENCIATURAS DO SUDOESTE GOIANO. 21 a 23/05/2015. UFG/Regional Jataí.

present, feed a hope here understood as a promise of happiness manifests via actions for the future. The ability to use urban fables featuring side by side some idealized models of town showed up, as expected by Vieira (2012), effective to draw contrast vectors and line that made it possible to launch new perspectives on contemporary urbanity and educational foundations that sustain it.

**Keywords:** City. Education. Sustainability.

## 1 Introdução

A busca da cidade ideal: este é o desafio da experiência relatada neste trabalho. O que precisa ser feito para transformar as cidades em espaços sustentáveis, eficientes, criativos e acolhedores? O projeto “Cidades Sustentáveis – Mobilizando pessoas em torno de uma ideia” encontrou na Filosofia inspiração para ensaiar respostas para estas e outras questões que envolvem o espaço urbano.

O contexto contemporâneo, no que se refere à ocupação dos espaços urbanos, desperta apreensão e exige mudança de posturas. De acordo com o Programa Cidades Sustentáveis<sup>2</sup> (São Paulo, 2012), dados da Organização das Nações Unidas (ONU) indicam que entre 2007 e 2050, o número de habitantes nas cidades do planeta terá um aumento de 3,1 bilhões de pessoas. Esta migração trará consigo uma carga cada vez maior sobre a infraestrutura, os serviços governamentais, os recursos naturais, o clima e muitos outros aspectos fundamentais para a qualidade de vida nas áreas urbanas.

O Brasil, nas últimas décadas, apresentou alta taxa de crescimento populacional e sofreu processo de urbanização acelerada, principalmente a partir dos anos 60 do século XX. A quantidade de cidades criadas se multiplicou e já chegou ao universo de mais de 5.500 prefeituras em todo o país, sendo a maior parte delas criadas nos últimos 30 anos.

Neste cenário, aumenta cada vez mais a consciência de que não é possível à humanidade permanecer com o atual modelo de desenvolvimento. Precisamos criar a transição para um desenvolvimento sustentável, que integre as dimensões social, ambiental e ética, baseado em uma economia que seja inclusiva, verde e responsável. Para isso a escola pública configura-se como *locus* privilegiado para a concretização de uma educação que apresente possibilidades de enfrentamento das questões socioambientais. Compreendemos, portanto, que a problemática ambiental tem origem nas relações sociais e ambientais predatórias, historicamente construídas pelas sociedades organizadas sob o modo de produção capitalista.

O projeto “Cidades Sustentáveis – Mobilizando pessoas em torno de uma ideia” propôs-se a pensar coletivamente a cidade desde suas raízes gregas, tendo como ponto de

---

<sup>2</sup> Uma realização da Rede Nossa São Paulo, da Rede Social Brasileira por Cidades Justas e Sustentáveis e do Instituto *Ethos*. O programa oferece uma plataforma que funciona como uma agenda para a sustentabilidade, incorporando de maneira integrada as dimensões social, ambiental, econômica, política e cultural e abordando as diferentes áreas da gestão pública em 12 eixos temáticos. A cada um deles estão associados indicadores, casos exemplares e referências nacionais e internacionais de excelência.

partida a fabulação urbana de Platão (2007), *Calípolis*. Divididos em quatro grupos, os alunos da turma de 3º ano Médio Integrado do curso Técnico em Controle Ambiental do IFMT (2013) - *Campus Barra do Garças*, foram desafiados a elaborar suas próprias utopias urbanas. Os projetos, focando o ideal de sustentabilidade, foram construídos a partir de experiências bem-sucedidas realizadas em diversas cidades do planeta e de soluções sustentáveis pensadas pelos próprios alunos. Para possibilitar uma experiência democrática, os projetos foram submetidos ao escrutínio da comunidade escolar e venceu o grupo que conseguiu atrair para sua cidade o maior número de cidadãos (em forma de votos).

Nossa análise faz uso de pressupostos teóricos e metodológicos da Pedagogia Histórico-Crítica, dentre eles a importância dos conteúdos clássicos, ou seja, aqueles que se firmaram como essenciais ao longo da história da humanidade e que necessitam ser ensinados na escola. A experiência com o projeto “Cidades Sustentáveis – Mobilizando pessoas em torno de uma ideia” apesar dos resultados positivos traz à tona a urgência de superação do quadro atual em que se encontra a Educação Ambiental (EA) <sup>3</sup> no Brasil, ainda tratada como tema paralelo e/ou como projeto escolar externo ao currículo. Faz-se necessário discutir a inserção da EA como parte do currículo, este entendido como “o conjunto das atividades nucleares desenvolvidas pela escola” (SAVIANI, 2011, p.15) passando a se constituir como atividade nuclear e desenvolvida a partir de conteúdos clássicos essenciais. Assim será possível a realização de trabalhos mais consistentes e com resultados mais efetivos.

Além de Platão, buscamos embasamento teórico em autores contemporâneos que pesquisaram as relações entre cidade, educação e utopias, como Vieira (2012), Freire (1993) e Gadotti (2006). A experiência relatada neste texto pode ser dividida em quatro momentos: leitura dos textos, bem como análise e discussão dos conceitos, divisão dos grupos, adaptação dos projetos e socialização dos resultados (eleição).

## **2 Da utopia à realidade: a educação habita a cidade**

Que função assume a dimensão educacional quando os homens põem-se a imaginar cidades ideais? Qual é a concepção de educação de que se parte? Que relações se estabelecem entre a educação, a cidadania vislumbrada e o tipo de sujeito pressuposto como cidadão ideal? Quais são as linhas de sustentação ético-políticas de tais relações? Quais são, por fim, as matrizes de subjetivação inerentes aos processos de pedagogização de cada sujeito urbano? Estes e outros questionamentos podem ser inferidos da ótica de Vieira, (2012). Tais

---

<sup>3</sup> A Rio-92 teve grande influência sobre a Educação Ambiental (EA) no Brasil. São muitas as abordagens que, desde então, vem sendo praticadas, identificadas e discutidas. Como síntese, Layrargues e Lima (2014) as definiram como “conservacionista”, “pragmática” e “crítica” e Tozoni-Reis (2005) como “comportamental”, “transmissão de conhecimentos” e “educação ambiental crítica”. (GPEA-UNESP-Bauru – Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental / Congresso Pedagogia Histórico-Crítica: educação e desenvolvimento humano – Bauru, 2015).

questionamentos levantados por Elisa Vieira em sua dissertação tangenciam todo o percurso investigativo desse trabalho.

Gadotti (2006) destaca as inúmeras possibilidades educadoras disponíveis na cidade, vista como espaço de aprendizagem por si “espontâneo”. Segundo o autor, uma cidade pode ser considerada como uma cidade que educa quando exerce uma nova função cujo objetivo é a formação para e pela cidadania. Sustentando esta ideia, Freire (1993) entende que

[...] enquanto educadora, a Cidade é também educanda. Muito de sua tarefa educativa implica a nossa posição política e, obviamente, a maneira como exerçamos o poder na Cidade e o sonho ou a utopia de que embebamos a política, a serviço de que e de quem a fazemos. (p. 23)

Nossa experiência parte da utopia platônica, *Calípolis*, a cidade ideal, a “cidade das palavras”, aquela que é totalmente descrita por meio do planejamento e da reflexão, em que todos os problemas são cuidadosamente pensados e excluídos. Platão (2007) discute as diversas formas de governo e apresenta uma justificativa racional em defesa daquela que, para ele, era a melhor forma de governo. No livro VIII, Sócrates, um dos interlocutores da *República*, apresenta os tipos de homens e os tipos de *Pólis*. Na sua tipologia, a cidade ideal é a monarquia governada pelo mais sábio entre os sábios, o filósofo-rei, que recebe a melhor e mais completa educação, e que ouve atentamente os outros filósofos. Contudo esta *Calípolis* é uma *Pólis* ideal, um “lugar no céu” (*topos uranos*, em grego), as *Pólis* reais são todas sombras projetadas pela *Pólis* ideal do mundo inteligível, não passam de degenerações no mundo da sensibilidade.

As análises de Platão (2007) são notáveis porque a cidade ideal (*Calípolis*) só existe no mundo das ideias, poderíamos chamá-la de uma ideia reguladora para pensar a Cidade, a *Pólis*, ou o Estado: um governo sábio e prudente que nunca se corrompe. Mas a distinção inevitável no mundo da vida é que não podemos saber quem é verdadeiramente sábio, precisamos nos contentar em aceitar quem parece, aparenta ou que aparece como sábio, nunca teremos certeza. Então é a honra, a *timé*, que nos servirá para designar os melhores.

A utopia de Platão (2007) inspirou através dos tempos uma série de teorias que também visavam à constituição de uma sociedade perfeita. De certa forma, ele deu vazão ao enorme e infinito descontentamento humano com as sociedades imperfeitas nas quais somos obrigados a viver. Assim, Platão tornou laica a busca pelo Paraíso ao difundir a ideia de que é possível se alcançar uma sociedade perfeita formada por seres humanos apenas com recursos humanos e não divinos. A República platônica é, acima de tudo, um complexo projeto de engenharia social. É patente sua influência na obra de Thomas Morus (1988), *A Utopia*, de 1516, na de Dominico Campanella (1953), *A Cidade do Sol (Civitas Solis)*, de 1602, bem

como na maioria das doutrinas políticas socialistas que emergiram nos séculos XVIII e XIX. Por outro lado, o sonho platônico também foi apontado, principalmente por Karl Popper – A Sociedade Aberta e seus Inimigos, de 1957 – como inspirador dos movimentos autoritários, como o fascismo, devido à sua postura antiliberal, exaltando a rigidez hierárquica, afastando dela a liberdade da realização econômica.

No entanto as principais críticas feitas às teorias de Platão decorrem de sua época mesmo; sendo que as mais consistentes partiram do seu discípulo Aristóteles, que considerava a ideia da comunidade dos bens, das mulheres e dos filhos como oposta à natureza das coisas. Elas ignoram ainda, segundo o discípulo, o fato de que se a cidade é a "unidade da multiplicidade", composta de pequenos grupos e pessoas distintas umas das outras e que fazem questão de demonstrar abertamente a sua distinção. Na cidade ninguém quer parecer-se com o outro. Exigir uma uniformização ou padronização total, como sugerem os moldes platônicos configura-se assim, antinatural. Para Aristóteles, a ideia de entregar o poder apenas a um segmento da sociedade, aos sábios, (selecionados por um complexo sistema semelhante ao de uma casta, que governariam sem nenhum limite) parecia-lhe entrar em contradição com a vocação essencial da cidade, que é ser regida por leis comuns a todos e não apenas por um setor dela, por mais qualificado que fosse o governante.

Alheia às críticas, a proficuidade do projeto político platônico para pensarmos as formas de organização social atuais é inquestionável. Mas, qual é o ponto de contato entre o que Platão esboçou na antiguidade e o contexto contemporâneo? A resposta exige a retomada de nosso ponto de partida, ou seja, a noção de *cidade educadora*. Aqui cabe estabelecer uma importante distinção apresentada por Vieira (2012), que não há uma correspondência nem plena, nem linear entre o projeto e aquilo que efetivamente se passa nos contextos citadinos idealizados. O que não impede que as diretrizes de uma cidade educadora exerçam influências múltiplas sobre a realidade a que se aplicam, constituindo-se como um horizonte ambicionado de realização. “Eis aí o eixo de articulação possível entre duas instâncias aparentemente desvinculadas, como certa configuração do tempo presente e algumas fabulações urbanas de outrora: a ambos os casos é intrínseco um suposto *ideal*”. (p. 63).

O projeto “Cidades Sustentáveis – Mobilizando pessoas em torno de uma ideia” propõe para alunos do Ensino Médio a elaboração de cidades utópicas que tenham a sustentabilidade como ideal intrínseco, visando à criação de uma responsabilização coletiva voltada ao futuro da cidade e à resolução dos problemas urbanos.

### **3 Uma experiência bem-sucedida que revela desafios maiores**

A necessidade de uma pedagogia da cidade para nos ensinar a olhar, a descobrir a cidade, para poder aprender com ela, dela, aprender a conviver com ela e, principalmente transformá-la é apontada por Gadotti (2006) como indispensável para promoção da cidadania. Para o autor, como sujeitos da cidade, necessitamos nos sentir cidadãos. A cidade nos pertence e, porque nos pertence, participamos da sua construção e da sua reconstrução permanente.

Vieira (2012) destaca a fecundidade dos ideais utópicos para se (re)pensar a cidade. Eles subvertem os limites do tempo: vêm de um tempo passado, supostamente dirigem-se a um tempo futuro, mas referem-se em última instância ao presente – ao presente deles e ao nosso.

Bloch (2005) destaca que a consciência utópica tem a capacidade de alcançar imagens ampliadas do mistério real do mundo permitindo ao ser humano se aproximar daquilo que ainda está por vir. “O ainda-não-consciente comunica-se e interage com o que-ainda-não-veio-a-ser, mais especificamente com o que está surgindo na história e no mundo (p.23).

Nesse sentido nossa experiência com o projeto “Cidades Sustentáveis – Mobilizando pessoas em torno de uma ideia” tem como referência uma das mais antigas utopias e que se tornou referência para as demais, *Calípolis*, a utopia urbana platônica. A experiência pode ser dividida em quatro momentos: leitura dos textos e análise dos conceitos, divisão dos grupos, adaptação dos projetos e socialização dos resultados (eleição).

Inicialmente, foram discutidos em sala de aula conceitos basilares do pensamento político de Platão como *Calípolis*, por exemplo, a educação das três classes e a sofocracia (o rei-filósofo). Em seguida foi pedida a leitura da obra *A República* de Platão (2007) e leituras complementares como *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley (1932), *A cidade do sol* de Tommásio Campanella (1953), *A Utopia* de Thomas Morus (1988) e *A nova Atlântida* de Francis Bacon (1988).

No segundo momento, visando pensar sobre a noção de *paidéia*, a formação do homem grego para a vida na *pólis*, bem como todos os elementos que envolvem o espaço urbano, a turma foi dividida em quatro grupos. Cada grupo deveria imaginar/criar sua própria cidade utópica nos moldes de *Calípolis* ou das cidades descritas nas leituras complementares.

Na fase seguinte, considerando-se as características das cidades apresentadas, quais sejam, cidades de pequeno porte e com traços medievais, os grupos foram orientados a adequarem seus projetos para os dias atuais, de modo a atenderem ao máximo o ideal de sustentabilidade. Para isso novas fontes bibliográficas foram indicadas, além de sites que abordavam a questão. Iniciou-se então uma vasta pesquisa em torno do tema ‘sustentabilidade’, em busca de experiências que pudessem compor as propostas de cidade ideal. Esta etapa ganhou traços interdisciplinares, já que se passou a exigir a compreensão e a

viabilidade das alternativas sustentáveis indicadas, fossem elas conhecidas ou originais. Ou seja, a partir de então não seria possível indicar, por exemplo, o uso de energia eólica sem antes verificar as condições climáticas da cidade projetada, exigindo o conhecimento das técnicas/tecnologias sugeridas. Isso estimulou os alunos a consultarem professores de outras disciplinas a fim de fundamentarem suas propostas.

Vale salientar que a interdisciplinaridade, que se tornou praticamente um “dogma” entre os educadores (em especial os ambientais), é entendida aqui como um meio e não um fim, ou seja, numa perspectiva Histórico-Crítica acreditamos que o trabalho educativo deve voltar-se para a formação dos sujeitos, nesse caso formação socioambiental dos sujeitos sociais. Outrossim fomos levados a alguns questionamentos, para os quais ainda não temos respostas conclusivas: Quais os conhecimentos envolvidos? Como se estruturam? Como podem contribuir para a compreensão da realidade socioambiental e da transformação deste cenário de crise? Como o processo da produção destes conhecimentos deve ser compreendido e ensinado? Tais questionamentos pressupõem reflexões sobre por que e para que ensinar, assim como a quem se dirige o ensino. Retomaremos essas questões no tópico seguinte.

Passada a fase de adequação, tínhamos quatro utopias urbanas fundadas sob o ideal de sustentabilidade: *Amicitia* (amizade), *Expressópolis*, *Nídonópolis* (cidade abrigo) e *New Land*.

Faltava então socializar as ideias, para isso foi organizada uma eleição com o intuito de escolher o melhor projeto. Cada grupo produziu um vídeo de aproximadamente cinco minutos, após a apresentação dos vídeos, responderam perguntas e esclareceram as dúvidas do público. Os presentes votaram na cidade que escolheriam para morar e a mais votada foi a vencedora.

#### **4 Resultados e discussão**

O recurso de utilizar as fabulações urbanas dispendo lado a lado alguns modelos idealizados de cidade mostrou-se, como supõe Vieira (2012), eficaz para traçar vetores de contraste e de consonância que possibilitaram lançar novos olhares sobre a urbanidade contemporânea e os alicerces educacionais que a sustentam.

A eleição mobilizou todo o campus, alunos, professores e demais servidores numa disputa saudável e democrática em torno da ideia de uma cidade melhor e ecologicamente correta. Com o sucesso da experiência local, a turma foi convidada a apresentar seus trabalhos no *campus* de Confresa-MT (município localizado ao norte do estado). Destarte, após 700 km e aproximadamente dez horas de viagem, foi realizada mais uma rodada de apresentações das propostas e outra eleição, com o mesmo êxito e para um público ainda maior. A próxima

edição do projeto está em andamento e já há convites para apresentações em outros *campi* do estado.

Essa experiência evidencia a necessidade e importância apontada por Gadotti (2006), de conhecer os equipamentos culturais da cidade. Qualquer programa que tente interconectar os espaços e equipamentos é fundamental, pois desconhecemos a nossa própria cidade ou subutilizamos as suas potencialidades.

Precisamos empoderar educacionalmente a todos os seus equipamentos culturais. A cidade é o espaço da cultura e da educação. Existem muitas energias sociais transformadoras que ainda estão adormecidas por falta de um olhar educativo sobre a cidade (GADOTTI, 2006, p.139).

Os resultados do projeto “Cidades Sustentáveis – Mobilizando pessoas em torno de uma ideia” trazem à tona algumas dessas potencialidades e indicam possibilidades de mudança, pois, sob a ótica de Florestan Fernandes, o que foi socialmente construído pode ser socialmente desconstruído e reconstruído. Por isso, encontramos motivos para ser otimistas. Um deles é o surgimento de movimentos de renovação pedagógica que também aponta para o mesmo projeto de futuro, para a construção de uma sociedade educadora-educanda, humanizada, emancipada, solidária e ecologicamente correta (GADOTTI, 2006).

No entanto, mesmo diante dos bons resultados, e dos estudos indicarem que as formas mais comuns de inserção da EA na educação básica são os Projetos Interdisciplinares (TRAJBER; MENDONÇA, 2006), A interdisciplinaridade é a maneira mais efetiva de se conceber a EA no currículo? Qual interdisciplinaridade? Quais conteúdos garantem aos alunos a compreensão das questões ambientais sob uma perspectiva crítica e transformadora? Não podemos perder de vista a necessidade de inserção da Educação Ambiental no currículo escolar. Se a função da escola básica é “a socialização do saber sistematizado” (SAVIANI, 1984, p.9), ele tem que garantir os instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado e aos rudimentos desse saber, portanto, suas atividades devem se organizar a partir dessa questão central: o currículo, com vistas a propiciar a aquisição e socialização dos saberes socialmente produzidos de caráter filosófico, científicos e artísticos.

Nessa concepção, os conteúdos curriculares essenciais correspondem ao conhecimento que constitui os indivíduos e a sociedade e devem assim contemplar conhecimentos que têm validade universal para o gênero humano e que permitem uma compreensão mais objetiva da realidade. Infelizmente a interdisciplinaridade como vem sendo praticada não tem contribuído para a inserção da EA no currículo escolar. Por isso, buscamos trazer um referencial que contribui para a compreensão da interdisciplinaridade como síntese de múltiplas determinações a partir da categoria totalidade e como concepção nuclear do



currículo, como postula a Pedagogia Histórico-Crítica. A possibilidade educativa para enfrentar a grave crise socioambiental gerada no atual padrão civilizatório passa necessariamente pela apropriação desse saber.

Dentro destas limitações, essa experiência caminhou nesta direção, das mudanças possíveis, da desconstrução e reconstrução daquilo que é social e, portanto, contraditório. E também do que Bloch (2006) chama de *desiderium*, a única qualidade sincera dos seres humanos, conceito que carece ainda de uma investigação filosófica adequada que o revele. “O ainda não consciente, o que-ainda-não-se-tornou, embora preencha o sentido de todos os seres humanos e o horizonte de todo ser, não conseguiu se impor nem mesmo como palavra, que dirá como conceito. (BLOCH, 2006, p.16). Para o autor, o *desiderium*, compreende o desejo de algo que se teve e não se tem agora, ou ainda alguma coisa que jamais se possuiu. (BLOCH, 2006, p.440).

Partimos da filosofia política para uma viagem por fabulações urbanas rumo a um dos destinos mais desejados atualmente: a sustentabilidade. Nosso roteiro fez escalas nas ciências e tecnologias buscando um diálogo constante com as demais disciplinas. E mostrou que o caminho para uma cidade melhor passa necessariamente por uma educação que considere o mundo e o ser humano em toda sua complexidade, promovendo uma responsabilização coletiva voltada ao futuro da cidade e à resolução dos problemas urbanos. O que necessariamente envolve uma mudança em nossos modos de produção e consumo.

## Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à Filosofia. 3ed. São Paulo: Moderna, 2004.

BACON, Francis. Nova Atlântida. In: **Os pensadores:** Francis Bacon. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1988.

BLOCH, Ernest. **O princípio esperança.** V. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ; Contraponto, 2005

\_\_\_\_\_. **O princípio esperança.** V3. Trad. Nélio Schneider. EDUERJ: Contraponto. Rio de Janeiro. 2006

BRASIL. Ministério da Educação. **O que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental.** Brasília: MEC/Secad, 2007.

CAMPANELLA, Tommaso. **A cidade do sol.** Lisboa: Guimarães, 1953.

FREIRE, Paulo. **Política e educação.** São Paulo: Cortez, 1993.

GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alicia. **Cidade educadora:** princípios e experiências. São Paulo: Cortez/IPF, 2004.

\_\_\_\_\_. **A escola na cidade que educa**. Cadernos CENPEC, n.1, p.133-139, 2006.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1932.

LEITE, Carlos. **Cidades sustentáveis, cidades inteligentes**. São Paulo: Bookman Cia. Ed., 2012.

MONTEAGUDO, Ricardo. Filosofia Política. **Rev. Bras. Formação Docente**. UNESP, SP. Vol. 4. 2012. Disponível em: <[http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41534/6/2ed\\_filo\\_m2d4.pdf](http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41534/6/2ed_filo_m2d4.pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2014.

MORUS, Thomas. **A utopia**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

PLATÃO. **A república**. 2ª Ed. [s.l.]: Editora Escala, 2007.

POPPER, Karl. **A sociedade aberta e os seus inimigos**. 5. ed. São Paulo: Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1957.

PROGRAMA CIDADES SUSTENTÁVEIS. **Indicadores**. São Paulo, 2012. Disponível em <<http://www.cidadessustentaveis.org.br/>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

SAVIANI, Demerval. O Ensino básico e o processo de democratização da sociedade brasileira. **Revista ANDE**, ano 4, n.7, pp.9-13.,1984.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

VIEIRA, Elisa. **A cidade e o governo dos homens**: sobre o lastro educacional da urbanidade contemporânea. 2012. 96p. Dissertação (Mestrado-PPG em Educação) Faculdade de Educação USP, São Paulo, 2012.